



RESENHA

COUTINHO, José Pereira. *Religião em Portugal: Análise Sociológica*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2020. ISBN 978-972-671-573-3; 390 p.

Steffen Dix\*

Nos tempos atuais, a maioria dos países europeus oscila entre herança histórica do cristianismo e modernização secular, entre ampla indiferença religiosa e elevada virtuosidade espiritual, entre um suposto regresso dos deuses e um grande número de igrejas abandonadas. Ao considerar que esta simultaneidade envolve várias contradições, a descrição sociológica (ou, em geral, a explicação académica) da situação religiosa de um país ocidental revela-se como uma questão difícil. Para ilustrar a complexidade destas descrições, começarei esta resenha com uma breve narração de uma experiência pessoal. Em setembro de 2008, participei em Brno na oitava conferência da *European Association for the Study of Religions* cujo tema principal foi o próprio conteúdo do estudo académico da religião; ou seja, os seus métodos, as suas teorias e sobretudo o seu envolvimento em estratégias e conflitos científicos, políticos e culturais. Além de um grande número de palestras e intervenções interessantíssimas, o mais fascinante foi a escolha do lugar geográfico da conferência. Brno é uma pequena cidade romântica no sul da Chéquia cuja silhueta está marcada pelos torres barrocos da Catedral de São Pedro e São Paulo que serve como sede da diocese católica de Brno. Este templo monumental é um dos principais pontos culturais da cidade. O segundo ponto cultural mais importante da cidade é a Villa Tugendhat, construída por Mies van der Rohe e considerada um dos ícones arquitetónicos do modernismo europeu. A sensação comovente da proximidade estreita entre uma abundante herança religiosa e um rico espólio modernista foi ainda mais intensificada pelo facto de na Chéquia – enquanto o país mais secularizado da Europa – existir um grande número de estudiosos de religião, interessados e entusiasmados na sua área académica. Assim, perguntei-me imediatamente o seguinte: - por que razão estudar religião num país em que o *Pew Research Center* descobriu, em 2015, que 72% da população se declara irreligiosa?

Embora a situação em Portugal seja quase inversa, suponho que na base do livro *Religião em Portugal: Análise Sociológica* de José Pereira Coutinho encontra-se uma questão semelhante. À primeira vista, poder-se-ia dizer “everything as usual”, tendo em consideração que Portugal continua a ser – com uma população católica de aproximadamente 80% – um dos países mais religiosos da Europa. No entanto, o livro de José Pereira Coutinho começa exatamente com a observação que a situação religiosa

---

\* Pesquisador do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da UCP (Portugal). Doutor em Religious Studies (UiT, Noruega). ORCID: 0000-0003-1491-2601 – contato: [steffendix22@gmail.com](mailto:steffendix22@gmail.com)

já não é o que costumava ser, na medida em que a população portuguesa revela cada vez mais sinais de uma secularização crescente. Ao referir-se às primeiras observações sociológicas de uma visível descristianização da sociedade portuguesa a partir dos anos 1950, o primeiro capítulo traça a forma como os estudos religiosos – e nomeadamente a sociologia da religião – se desenvolveram em Portugal. A partir de uma sociologia religiosa, que procurou estabelecer uma ação pastoral para impedir a continuação da descristianização da sociedade portuguesa, surgiu, alguns anos mais tarde, uma sociologia da religião que pretendeu simplesmente uma descrição imparcial da realidade religiosa em Portugal<sup>1</sup>. Ao nomear explicitamente e em detalhe os contributos dos principais atores e instituições, o primeiro capítulo oferece uma clara apresentação do nascimento da sociologia da religião em Portugal, a partir de uma noção da crescente descristianização da sociedade. Nesta descrição encontra-se, pelo menos indiretamente, o fio condutor de leitura do livro que consiste na tentativa de entender a correlação entre secularização e religião em Portugal.

Depois de uma introdução preciosa sobre os conceitos relacionados com a religião, segue, no terceiro capítulo, uma tentativa de analisar mais profundamente as vias diferentes da modernização. Na apresentação de alguns dos intérpretes filosóficos e sociológicos mais importantes da modernidade, o leitor ganha a sensação de que todas as sociedades modernas se encontram, quase inevitavelmente, em vias de secularização: “A secularização é a face religiosa da modernização, pelo que a metamorfose desta conduz necessariamente à transformação daquela. As teorias da secularização enformam a análise sociológica da evolução religiosa do mundo ocidental, refletindo as perspectivas sobre a modernização desde as origens da sociologia até à atualidade.” (p.85). Esta afirmação é correta, mas envolve implicitamente a tendência de desconsiderar a polissemia ou a enorme multiplicidade de interpretações da palavra “secularização”; e conseqüentemente da palavra “religião”. Por um lado, poder-se-ia referir a autores como Eric Robertson Dodds (*Pagan and Christian in an Age of Anxiety*, 1965) ou Paul Veyne (*Les Grecs ont-ils cru à leurs mythes?*, 1983) que deram a entender que algumas formas precoces da secularização já existiram na antiguidade. Por outro lado, poder-se-ia mencionar um pensamento famoso de Thomas Luckmann a partir do qual a secularização nunca existiu (ou apenas enquanto um “mito moderno”), sendo uma transformação das formas sociais da religião (*Säkularisierung: ein moderner Mythos*, 1980). Outros autores sugeriram ainda a eliminação completa do conceito secularização enquanto modelo heurístico para perceber as metamorfoses no campo religioso (e.g. Rodney Stark, *Secularization, R. I. P.*, 1999). Embora haja, no terceiro capítulo, uma viagem exaustiva às teorias diversas da secularização, fica aberta a questão de que maneira a religião continua a ter a capacidade de influenciar a sociedade moderna ou, mais concretamente, os processos das transformações socioculturais. De uma forma muito correta, Coutinho sublinha que a secularização é um fenómeno inerente à religião, salientando igualmente que algumas particularidades da vida moderna têm origem religiosa. Todavia, devia ter-se

---

1 É interessante saber que na Alemanha houve, nos anos 1960, um desenvolvimento semelhante, iniciado sobretudo por Thomas Luckmann que exigiu a transformação de uma “sociologia pastoral” (*Kirchensoziologie*) para uma “sociologia da religião” (*Religionssoziologie*).

questionado mais detalhadamente a capacidade de auto-modificação de instituições religiosas, ou de que maneira as mesmas continuam a participar ativamente em processos de decisões sociais, culturais, políticas ou económicas. Ou seja, uma análise do estado da secularização de uma sociedade moderna implica necessariamente uma observação da aptidão de uma instituição religiosa em transformar-se a si própria e em intervir nos processos sociais.

No entanto, esta pequena carência teórica está compensada empiricamente na maneira como o terceiro e o quarto capítulos podem – e devem – ser lidos de uma forma complementar. Após a apresentação minuciosa das teorias clássicas e mais recentes da secularização, Coutinho recorre a uma perspetiva histórica para explicar os processos da secularização em Portugal, destacando a sobreposição das fronteiras entre religião e modernidade/modernização. Ao estudar em pormenor os períodos da formação do reino português, da era pombalina e das invasões francesas, da monarquia constitucional, da Primeira República, da ditadura salazarista e da democracia, o autor consegue realçar sobretudo a simultaneidade entre um enfraquecimento gradual da religiosidade tradicional e a continuação de uma fertilidade social e individual em termos religiosos. Neste sentido, o habitual discurso sobre a secularização não está invertido, mas sim complementado por uma análise sociocultural mais profunda a três níveis (micro, meso e macro) e por um exame atento da autonomização religiosa dos indivíduos modernos.

Depois de uma apresentação aprofundada do atual campo religioso português, que se apoia em retratos quantitativos e qualitativos do monopólio católico e das minorias religiosas, o livro termina conseqüentemente com a intenção de “caracterizar a religiosidade jovem, compará-la com a religiosidade do resto da população e da Europa [...], estudar a evolução da religiosidade jovem” (p.331). Neste capítulo final, refere-se mais uma vez que a modernização afeta o processo da secularização na medida em que a “conjugação de liberdade, prazer e experimentação, associados ao consumo e à reflexividade” empurram os jovens para fora das instituições religiosas. No seu estudo sociológico, Coutinho mostra que os jovens consideram a fé e a religião como algo individual e pessoal. A atitude juvenil em relação à igreja é ambivalente, visto que os jovens estão cada vez mais relutantes em identificar-se com o carácter institucional da religião. A ambivalência perante a religião – ou perante instituições religiosas – explica-se por uma combinação entre individualização e possibilidades tecnológicas da comunicação quase ilimitadas. Esta combinação tem a tendência de provocar um efeito equívoco, sobretudo no que diz respeito ao sincronismo entre aproximação virtual e distância física. Ou seja, a proximidade aparente num mundo virtual não pode ocultar um sentimento de um afastamento crescente que incentiva, por sua vez, a procura de relações interpessoais dentro de comunidade real e física. Porém, a individualização dificulta, ao mesmo tempo, os compromissos institucionais ou a identificação completa com um grupo social. Neste sentido, a religiosidade juvenil parece menos influenciada por uma transmissão social ou familiar da fé do que de uma escolha muito cuidadosa e individual.

Assim, o livro termina indiretamente com a mesma convocação que já estava presente nas primeiras páginas. Trata-se de um convite para continuar estudos sociológicos sobre as transformações religiosas numa sociedade moderna. Tal como no resto da Europa, nota-se na vida quotidiana portuguesa uma oscilação permanente entre herança histórica

do cristianismo católico e modernização secular, e este processo sociocultural merece a maior atenção acadêmica e uma observação permanente. Neste contexto, a obra de José Pereira Coutinho representa duplamente um contributo muito importante. O seu livro oferece um retrato excelente da atual situação religiosa da sociedade portuguesa, conseguindo chamar atenção – ao mesmo tempo – para a urgência de desenvolver novos métodos e teorias dos estudos (e nomeadamente da sociologia) de religião. José Pereira Coutinho empreendeu um cuidadoso trabalho de pesquisa, juntando um grande número de estudos quantitativos com boas interpretações qualitativas. Ou seja, como foi aludido logo no início desta pequena resenha, a religião continua a ser um objeto interessante de estudo, independentemente de uma sociedade se encontrar aparente ou realmente em vias da secularização. No que diz respeito à religião em Portugal, temos de afirmar que seria mais correto dizer “nothing as usual”. A maior contribuição do livro consiste precisamente nesta afirmação.

Recebido em: 22/09/2020

Aprovado em: 01/10/2020

Conflito de interesses: Não declarado pelo autor.

Editor: Eduardo R. Cruz